



Contato entre índios e não índios em Roraima noticiados no jornal O Átomo durante a República Nova.¹

Tainá Aragão²
Maurício Zouein³

Universidade Federal de Roraima.

Resumo

“O Átomo” circulou no até então Território Federal do Rio Branco (Atualmente Estado Roraima) nos anos de 1951 a 1958. Em 16 fevereiro de 1952, conforme a manchete do referido jornal, aconteceu o primeiro encontro entre os Pauxianas com os não índios, nos arredores do Apiaú afluente do rio Mucajaí. O contato ocorreu com dois madeireiros que trabalhavam naqueles arredores tornando-se público com a notícia publicada no jornal “O Átomo”. A comunidade, declarada extinta no início do século XX, foi noticiada da seguinte forma: “A aproximação com novos selvagens” manchete que evidenciava discurso ideológico construído na ideia de civilização proposta por parte da nova República.

Palavras-chave: O Átomo; Pauxianas; Roraima.

Brasil nos anos de 1950: O contexto do desenvolvimento

No início dos anos de 1950 o Brasil era Governado por Getúlio Vargas(1882-1954)⁴, que teve dois mandatos como presidente durante a sua carreira política. O primeiro entre 1930 a 1945 e o segundo de 1951 a 1954 que se encerrou com seu suicídio. Ambos os mandatos seguiam a mesma orientação política e foram marcados ora pelo modelo de nacionalismo⁵, ora pelo desenvolvimentismo⁶:

Resultante política refletia a cálculo de Getúlio quanto às paixões e interesses que se escondiam por trás das forças políticas heterogenias que ele procurava canalizar. A mistura era também produto dos seus próprios instintos políticos, que o inclinavam à conciliação e à solução de compromissos (SKIDMORE,1982,p.124)

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

² Aluna de graduação em Comunicação Social- Jornalismo pela Universidade Federal de Roraima(UFRR).

³ Professor orientador. Professor do curso de Comunicação Social-Jornalismo na UFRR.

⁴ Partido Trabalhista Brasileiro-PTB entre 1951 a 1954.

⁵ É um fenômeno de resistência e luta próprio e exclusivo dos países em que se manifesta. Ora por parte da inspiração popular no campo cultural e esportivo, ora como um programa econômico de Governo. O movimento expresso na Era Vargas tinha como objetivo a formação de uma identidade que buscava autonomia e independência financeira.(Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro-DHBB)

⁶ A teoria econômica que está centrada no crescimento econômico, baseado na industrialização e na infraestrutura, com forte intervenção do Estado, em detrimento do desenvolvimento social.



A opção do Governo Vargas (GV) era por um crescimento autônomo e de cunho estatizante, ou seja, dando preferência ao capital nacional e com o Estado investindo nos setores estratégicos para a industrialização e modernização do País, refletidos nos projetos da criação da Petrobras que teve caráter nacionalista somado ao plano do carvão nacional, O Instituto Brasileiro do Café, e plano para o desenvolvimento da Amazônia e do nordeste (VIANNA,1987). Vargas era ambicioso e contraditório, também queria o investimento do capital estrangeiro aplicados do país, financiando parte do Plano Lafer⁷, que previa muitos avanços, principalmente na área de transportes, energia elétrica e agricultura:

O plano era uma primeira tentativa de orientar racionalmente investimentos em setores considerados prioritários, contando com recursos externos e internos, mas não chegou ser levado a íntegra, diante da crise nas relações com os Estados Unidos, em torno da questão do petróleo, do problema da sustentação do preço do café e da crise do balanço de pagamento (FAUSTO, 2006,p.175).

O Movimento popular foi admitido durante o GV, indicando, no entanto, líderes da elite que mantinham as reivindicações sobre controle. O seu Populismo foi marcado pela concessão de direitos previdenciários e trabalhistas e o culto a Getúlio. Os Sindicatos foram legalizados e diversos direitos garantidos: salário-mínimo, oito horas de trabalho, férias remuneradas, indenização por demissão sem justa causa, proteção ao trabalho da mulher e criança etc. Mas esses direitos eram estendidos apenas aos trabalhadores urbanos, e não aos rurais. No dia do trabalhador de 1951, em discurso no estádio do Vasco, Getúlio não poderia ser mais incisivo:

Preciso de vós, trabalhadores do Brasil [...] Chegou, por isso mesmo, a hora de o governo apelar para os trabalhadores e dizer-lhes: Uni-vos vossos sindicatos como forças livres e organizadas. O sindicato é a vossa arma de luta, a vossa fortaleza defensiva, o vosso instrumento de ação política(VARGAS apud FAUSTO,2006 p.179)

Como citado acima, para o então Presidente o povo deveria ser encarado como uma massa orgânica de cooperação para o Estado. Getúlio Vargas (1882-1954) utiliza como estratégia a aproximação dos cidadãos para conseguir colocar seu plano de governo em prática com uma postura populista na tentativa de inibir as oposições.

Durante a década, as relações internacionais brasileiras se mantem ideologicamente alinhadas com o capitalismo liderado pelos EUA. Não obstante, não impedem o presidente Vargas de adotar uma política econômica francamente nacionalista, limitar a remessa de lucros das empresas estrangeiras para suas matrizes e se recusar a enviar tropas para a Guerra da Coréia. Fatos como esses, levam os EUA, em represália, a cancelar empréstimos e provocar a queda do preço do café, então o principal item da pauta brasileira de exportações. Por outro lado, a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos para o Desenvolvimento Econômico, ativa entre 1951 e 1953, não só faz um diagnóstico dos entraves ao mesmo, como propõe medidas que são adotadas com sucesso pelos governantes brasileiros dos anos 50:

O Governo Vargas cooperou integralmente para os esforços da Comissão Mista e acolheu bem o estímulo à coordenação de um planejamento

⁷ Um programa de reaparelhamento no qual seriam aplicados Cr\$ 20 bilhões em cinco anos, sendo Cr\$ 10 milhões originários da legislação especial que seria submetida ao Congresso Nacional e os outros Cr\$ 10 bilhões em recursos em moeda estrangeira.



econômico para o Brasil. Vargas indicou em sua mensagem ao Congresso, em 1951, que o seu governo iria “facilitar” os investimentos de capitais privados estrangeiros sobre tudo com associação aos nacionais (SKIDMORE, 1982, p 126).

A imprensa nos anos cinquenta foi marcada pelo abandono das tradições tanto esteticamente com as novas formas de diagramação quanto nas inovações em coberturas jornalísticas. O jornalismo tornou-se combativo, de crítica e de opinião e essa forma de fazer jornalismo era característica presente do jornal popular diário como era o caso do jornal “O Átomo” que falaremos a diante. O jornal impresso tinha aliados: a rádio e a televisão como extensão do seu alcance. Como retrata Sodré: “A época é de grandes corporações que manipulam opinião, conduzem as preferências, mobilizam os sentimentos. Campanhas gigantescas, preparadas meticulosamente, arrasam a reputação, impõem notoriedade, derrubam governos”. (SODRÉ apud GOLÇALVES, 2008)

Ao longo de sua gestão, Vargas se depara com a resistência de grupos ligados ao capital internacional e é duramente combatido pela União Democrática Nacional (UDN) e pela imprensa, em especial pelo jornalista Carlos Lacerda. A UDN e o jornalista, além de cometerem seguidas denúncias de casos de corrupção na administração federal, acusam Vargas de tramar um golpe visando implantar no País uma república sindicalista (FAUSTO, 2006). Os embates vão se acalorando até que, em 5 de agosto de 1954, um atentado a tiros contra Lacerda fere-o no pé e tira a vida do major da Aeronáutica que o acompanhava lhe dando proteção. Com a descoberta de que o mandante do crime é o chefe da guarda pessoal do presidente, inicia-se uma aguda crise político-militar em que se exigia a sua renúncia. Pressentindo que seria deposto, Vargas se suicida na madrugada do dia 24 de agosto de 1954.

Em linhas gerais, este governo fomentou o processo de industrialização nacional pela substituição de importações, pela abertura ao capital externo para investimento; pelo planejamento estratégico e pela construção de uma infraestrutura como rodovias, hidroelétricas, aeroportos; pela promoção da indústria de base e de produção de bens de capitais, fundamentais para produção nacional. E o jornal por sua vez foi instrumento importante para fazer a narrativa destes acontecimentos que marcaram na história o curso de desenvolvimento do País.

Roraima na década de 50: Conflito entre Índios e Migrantes

O Território Federal do Rio Branco foi criado em 1943 por influência do projeto **Marcha para o Oeste**⁸ no governo de Getúlio Vargas dedicado a Amazônia com o desígnio de proteger as fronteiras e povoar a região que passou a ter um maior prestígio do Governo, pois os problemas eram ligados diretamente à União Federal. O primeiro governador do então Território do Rio Branco indicado pelo Presidente Vargas foi Ene Garcez dos Reis (1894-1952) que veio do Rio de Janeiro com um grupo de seis pessoas para colocar em prática a estratégia do governo que propunha proteger e povoar as fronteiras. O governador ainda trouxe consigo a imprensa oficial, fato que inaugurou a imprensa roraimense com o jornal “O Boa Vista” em 1948, onde noticiava ações do governo e de políticos aliados ao mesmo (GONÇALVES, 2008).

Durante o seu governo Ene Garcez (1894-1952), criou um plano Quinquenal com intuito de desenvolver a região, com uma secretaria de Divisão de Produção, Terra e Colonização (DPTC) que realizava pesquisas e levantamentos referentes ao Território para promover o povoamento, visando o melhor uso dos recursos naturais e orientando as atividades produtivas. Esse plano foi acatado pelo Presidente da República em 1945

⁸ Grifo nosso.



que criou o Decreto Lei nº1.115 de 24/07/1945 (FREITAS,1996). Acontecimento que consolidou essa nova estrutura administrativa.

No segundo governo do Território Federal do Rio Branco em 1946, não se investiu na secretaria Divisão de Produção, Terra e Colonização (DPTC) uma vez que o governador Félix Valois de Araújo⁹ se dedicou a construção do primeiro conjunto habitacional de Boa Vista (FREITAS, 1996). Já o terceiro Governador Miguel Ximenes de Melo (1913-2003)¹⁰, retomou os investimentos para o campo rural por intermédio do incentivo às migrações com a posse de Valério Magalhães que assumiu a Divisão de Produção, Terras e Colonização, e deu início ao maior programa de colonização executado entre 1951 e 1952 onde se investiu densamente no deslocamento de migrantes vindos do Maranhão para ocupar os vazios demográficos da região, oferecendo assistência financeira na adaptação e permanência no Território:

A migração dirigida foi mola mestra do projeto de colonização das regiões com baixa densidade demográfica, além de viabilizar a tentativa de proteger as fronteiras políticas do País, através da ocupação humana. Assim, o governo federal passou a elaborar inúmeros projetos de colonização agrícola, além de utilizar recursos financeiros para seu implemento, o culminou com a instauração de um intenso processo de migração espontânea(VIEIRA, 2006 p.44).

Os vazios demográficos¹¹ impulsionaram o desenvolvimento capitalista para o Norte do Brasil, desconsiderando as comunidades indígenas que habitavam secularmente no território. Na implantação desse projeto de povoamento muitos índios foram mortos na disputa pela terra, uma vez que as elites econômicas brasileiras acreditavam que quando os nativos fossem obstáculo para o progresso e desenvolvimento era preciso exterminá-los:

Não é por mero acaso que o conceito de “vazios demográficos” tenha se tornado especialmente corriqueiro no vocabulário político brasileiro entre os anos de 1940 a 1970. É justamente nesse período que a dinâmica do expansionismo brasileiro recobrou o fôlego, graças a realização de políticas de integração econômica do território nacional como a Marcha para Oeste, de Getúlio Vargas[...] Visavam o povoamento, a colonização e o desenvolvimento econômico e social nas regiões Norte e Centro-oeste, então consideradas “os imensos vazios demográficos do país” (MOREIRA, 2000,pág 20).

Como se pode destacar na citação acima, o povoamento e colonização seriam feitos independente da resistência dos nativos. Pois os ditos vazios demográficos, habitados por comunidades indígenas eram considerados terras devolutas pela Lei das Terras de 1850¹², logo poderiam ser legalizadas por particulares.

⁹ Nomeado por Getúlio Vargas em abril de 1944 deixando o cargo em 1946.

¹⁰ Indicado pelo Senador Vitorino Freire 22 de fevereiro de 1946 e exonerado em maio de 1947.

¹¹ Grifo nosso.

¹² A lei de Terras representava para o Estado Imperial um dos vértices de consolidação do Estado Nacional e um espaço de relacionamento entre proprietários e Estado. A transitoriedade da posse para a propriedade é elemento chave nessa compreensão, pois o Estado Imperial visava apropriar-se das terras devolutas, que vinham passando de forma livre e desordenada ao patrimônio particular, juntamente com a aplicação de mão-de-obra livre imigrante em contraposição da escravidão. Sendo assim, atingiam-se dois objetivos com uma só resolução.



Os povos indígenas não conheciam a propriedade privada da terra. Para os índios, a terra era fonte de sobrevivência e reprodução material e cultural. Para os capitalistas a terra torna-se um meio de produção equivalente a mercadoria, embora simbolicamente, podendo ser comprada e vendida de acordo com as leis do mercado(MARTINS apud COSTA, p.153,ano)

Pode-se constatar o processo de ocupação do Território alavancou conflitos entre os migrantes e indígenas que por sua vez foram os maiores prejudicados, pois eram expulsos de suas terras. O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) já existente nesse período era o órgão responsável pela política indigenista no Brasil e tinha dois objetivos gerais: “(...) Colocar as populações indígenas sob égide do Estado, a fim de assegurar-lhes assistência e proteção, e tornar efetiva e segura a expansão do capitalismo nas áreas onde havia conflito”(GAGLIARDI apud COSTA, p.157) Além disso, segundo o Instituto socioambiental o SPI acreditava que o índio era um ser transitório, que estava em processo de se transformar em trabalhador rural. Contudo, o SPI exercia uma postura contraditória em nome do progresso, pois desenvolvia um trabalho que deslocava comunidades para ocupação dos migrantes e tinha o objetivo de civiliza-los, corrigindo-os e amansando-os. Prática que abalou consideravelmente a identidade e patrimônio imaterial cultural dos povos indígenas existentes no referido Território.

O Jornal “O Átomo”

O histórico do jornalismo impresso em Roraima carrega forte característica da interferência do Estado, de interesses políticos que influenciaram no surgimento de diversos periódicos. O primeiro periódico a circular em Roraima foi o “Caniço”, em 1905 que era produzido manualmente, junto a esse vieram “O Tucutú”, “O Carvão” e o “Bem-te-vi” que noticiavam sobre atos do Governo da província e da administração local quando o território do Estado ainda pertencia ao Amazonas. Em 1914 surgem os jornais impressos tipografados, “Rio Branco-Jornal independente” (1914) e o “Jornal do Rio Branco” (1916) que pertenciam à propriedade privada e as classes dominantes. (GONÇALVES, 2008).

Com a criação do Território Federal do Rio Branco (1943) se instala a Imprensa Oficial e surge em 1948 o primeiro periódico do referido território “O Boa Vista”, que segundo Cruz (1998) mudará de nome diversas vezes durante sua existência que foi até 1948, com o nome de “Jornal de Boa Vista”, onde noticiava as atuações do Governo e de políticos coligados ao mesmo partido. Nos anos cinquenta, devido às inquietações políticas de oposição surgem diversos periódicos passageiros, de curta permanência. Tais como: “O Átomo” (1951), “O Combate” (1953), e o “ O Debate” que fazem críticas às ações do executivo estadual e Governo que por sua vez tenta conter a oposição comprando todos os exemplares que de certa forma difamava-os.

Com o conceito “O Átomo- Jornal independente e noticioso”, o periódico começa a circular no então Território Federal do Rio Branco em 28 de Março de 1951. A sede ficava localizada à Rua Bento Brasil, número 584, em Boa Vista. Tinha como diretor responsável, José Estevam Guimarães Junior, conhecido como tenente Guimarães, também proprietário do periódico (GONÇALVES,2008,p.49)

Mesmo com a definição de uma linha editorial parcial, a principal característica do jornal “O Átomo” foi à oposição aos políticos. A maioria das matérias eram notícias



políticas nacionais e locais, fazendo severas críticas a algumas figuras do cenário político, principalmente ao segundo governador do então Território Federal do Rio Branco, Félix Valois de Araújo. Apesar disso, “O Átomo” era o jornal mais vendido da época, e tinha como concorrente o jornal “O Boa Vista” que era sustentado pelo governo que por sua vez, tinha melhor qualidade física que “O Átomo”, porém, existia a descrença da população por ser um jornal que defendia os interesses do governo (MENEZES apud GONÇALVES, 2008). No entanto, por sua principal abordagem ser política, nem sempre destinava o tema à oposição. Como se pode perceber na matéria de 28 de agosto de 1954 (Imagem 1)¹³.

Arquivo digital tamanho: 142KB

Com o suicídio de Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954 o jornal “O Átomo” traz na manchete do dia 28 de agosto de 1954 o seguinte relato: “Assumiu o Presidente da República- O novo presidente João Café filho”. A imagem do novo presidente aparece do lado esquerdo, com uma breve nota sobre sua posse. Entretanto, a maior parte da mancha gráfica do jornal, ou seja, o espaço predominante de importância da

¹³ Capa do jornal “O Átomo”, edição nº 153 do dia 28 de agosto de 1954, onde relatava a posse de Café Filho e o suicídio de Getúlio Vargas.



edição é a notícia sobre a morte de Getúlio Vargas e o relato da sua trajetória na política do país, exaltando-o por conta de seus feitos para o desenvolvimento do Território Federal de Roraima. Elevando-o ao patamar de melhor chefe da nação desde então, destacando ao centro da página a sua carta-testamento destinada a população.

O nome do jornal foi consequência da evidência recente da divisão do átomo na descoberta da bomba atômica, querendo demonstrar pequinês e em contrapartida importância de ser diante aos demais. Sua periodicidade era semanal e o número de páginas era variável partindo de seis páginas até doze. O jornal era composto por um único caderno onde eram publicados discursos, anedotas, e em algumas edições era possível encontrar espaços destinados ao leitor, coluna social, policial e de opinião (OLIVEIRA apud GONÇALVES, 2008, p. 52).

Na época de cinquenta os jornais tinham uma forte característica amadorística, não havia jornalista profissional e eram feitos pelos proprietários ou escritores locais, como é o caso do jornal “O Átomo” que era em maior parte escrito pelo seu proprietário tenente Guimarães e por alguns escritores como Batista Guerra, Ar. Gueiros e Dorval de Magalhães que contribuíam com crônicas esporadicamente.

De pequeno formato, modesto, rudimentar mesmo, si considerada apenas a feição material. Entretanto, partícula infinitesimal da força do livre pensamento, é seu destino, por força de seu programa criterioso, traçado com fé em Deus e esperança nos homens de boa vontade, servir à coletividade no campo das ideias, dedicando-se como é natural, aos interesses de nosso Território de modo especial e particular (O ÁTOMO, edição de 7 de abril de 1958).

A diagramação do “O Átomo” era feita em máquina manual, com o cabeçalho podendo ser encontrado tanto na parte superior quanto no centro da página, as notícias eram pequenas espalhadas dentro de desenhos de balões e foguetes, pois não havia desenvolvimento da notícia, e o enfoque eram as denúncias contra o governo. O jornal tinha formato tabloide e era feito em uma remessa de 500 exemplares vendidos por dois cruzeiros (MENEZES apud GONÇALVES, 2008).

Por se tratar de um jornal político e de oposição, o governo do território comprou o jornal e em 1958 às atividades foram encerradas pela falta de condição e a pressão por parte do governo. Após a venda do Átomo para o grupo político comandado por Valois, o jornal deixou de ser tabloide para um formato maior e passara a anunciar as ações do governo até seu fim definitivo no final de 1958 (GONÇALVES, p.59, 2008)

Como podemos observar acima, o jornal o “Átomo” foi efêmero por suas constantes críticas ao Território Federal do Rio Branco, não conseguindo se consolidar como um jornal de oposição tendo que vender-se ao próprio governo que firmemente criticava em seus periódicos, deixando uma lacuna na imprensa roraimense referente ao importante papel que exercia por meio das denúncias que fazia sobre o governo.

Análise dos periódicos

Como proposto inicialmente o artigo analisará matérias do jornal “O Átomo” para identificar o discurso ideológico construído por parte do mesmo referente às



comunidades indígenas que habitavam no Território Federal do Rio Branco. Para tanto, começaremos com a análise do dia 10 de janeiro de 1953.

A matéria foi capa no jornal “O Átomo” recebeu destaque na edição, sendo manchete, noticiada da seguinte forma: ”Expedição para filmar e fotografar - Pela primeira vez índios Pauxianas – Os selvagens barbados do Rio Apiaú”. A notícia discorre sobre os Pauxianas, comunidade indígena que há 30 anos não era encontrada no Território e atualmente é considerada extinta. O encontro com os índios chama atenção para uma futura expedição sob responsabilidade de Afonso Brasil, o médico Williams Holden com o pretexto de filmar, fotografar e fazer estudos científicos etnográficos.

A redescoberta da comunidade foi feita por dois madeireiros que trabalhavam aos arredores do Rio Apiaú, afluente do Mucajá, e os encontraram exatamente na altura da cachoeira conhecida como Maiongongs, onde fizeram o primeiro contato com os índios:

Com a continuação dos seus trabalhos, os madeireiros foram estreitando as relações com os selvícolas[...] Depois de sucessíveis contatos, 3 homens em 26 de julho do ano discurso seguiram a picadas dos madeireiros, sendo guiados pelos índios até uma maloca. Dois dos rapazes prosseguiram a excursão visitando outras duas. Pelas informações cada uma delas possui entre 60 a 80 ocupantes. (“O ÁTOMO”, edição de 10 de janeiro de 1953)

Como citado acima, os índios não tiveram manifestações agressivas com essa aproximação, recebendo com curiosidade os não índios, que por sua vez os descreveram minuciosamente para o jornal “O Átomo”. Fato, que se pode observar na referida matéria(Imagem 2)¹⁴.

Arquivo digital tamanho: 142KB

¹⁴ Capa do jornal “O Átomo”, edição n° 92 do dia 10 de janeiro de 1953.



Mostram-se nossos visitantes encantados com que vêm, procurando examinar tudo detalhadamente [...] O governo forneceram-lhes 4 redes. Estão hospedados na casa do sr. Antonio Luiz de Lima, que está arcando com a alimentação.[...] Foram levados para passear de carro e assistiram a um cinematográfico. Enfim, até agora os agrados são muitos. Falta, porém, o essencial como seja uma oferta mais substancial de donativos [...] Apelamos para o Governo territorial e municipal, para o nosso generoso comércio, para o coração bondoso do nosso povo, a fim de poder-se reunir alguns recursos úteis, destinados a esses patricios, que vieram ao nosso encontro, possibilitando-lhes melhores meios para desenvolverem suas precárias condições de vida (“O Átomo”, edição do dia 09 de maio de 1953).

O jornal “O Átomo”, faz um apelo à população para arrecadação de utensílios de trabalho e roupas, com intuito de uma primeira interferência da civilização dentro da comunidade indígena. Atitude que os acarretaria benefícios futuros: “Estão aí já à mão, nossos promissores colonos do futuro, com cuja ajuda novas e importantes riquezas naturais como castanhais, balatais, madeiras, minérios e etc, poderão ser aproveitados, constituindo nova fonte de revitalização econômica regional.” (“O Átomo”, edição do dia 09 de maio de 1953)

Como se pode destacar na citação acima, os índios eram reconhecidos como selvícolas, ou seja, selvagens que no decorrer da matéria aponta a ideologia da época sobre os mesmos, que segundo o jornal deveriam ser amansados, catequizados e levados à civilização a fim de garantirem alguma atividade rentável para a região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideologia pregada pelo jornal “O Átomo” se mostrou culturalmente impositiva, utilizadas em estratégias similares presentes no contexto de desenvolvimento aplicado para o Norte em 1950 no governo de Getúlio Vargas, com as migrações impulsionadas pela Divisão de Produção, Terra e Colonização no Território Federal do Rio Branco e consentida contraditoriamente pelo Serviço de Proteção ao Índio como vimos anteriormente.

O contato conflituoso é resultado da visão etnocêntrica referente aos índios que o jornal “O Átomo” difundia e

Fiz aqui um esforço para lançar olhares e contribuir na definição de rumos possíveis para sobre a análise de jornais e dos seus discursos ideológicos que não está delimitado ao seu tempo e que compõem resquícios na sociedade atual. Sem pretender esgotar o assunto, pelo contrario, quero reforçar o quanto é necessário avançar na análise sobre o discurso ideológico e as estratégias de desenvolvimento de 1950 para com o Norte, que o influência até os dias atuais.

Referências bibliográficas

CRUZ, Jaci. **Jornais Impressos de Roraima: 1905-1997. 1998.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Comunicação Social, Universidade Federal de Roraima, Roraima 1998.

FREITAS, Aimberê. **Geografia e Historia de Roraima.** 4º ed. Manaus: Grafima, 1996.

FAUSTO, Boris. **Getúlio Vargas: O poder e o Sorriso.** São Paulo. Companhia das Letras, 2006.



GOLÇALVES, Hanna. **Selvagens: Semiótica e Alteridade no Jornal Impresso**. 2008. 101p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Comunicação Social, Universidade Federal de Roraima, Roraima, 2008.

MAGALHÃES, Maria. **Roraima/ Boa Vista: Temas sobre o Regional e o Local**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012.

MOREIRA, Vânia. **Vazios Demográficos ou Territórios Indígenas**. Revista de História da UFES, nº11, 2000. Disponível em <
<http://www.angelfire.com/planet/anpuhes/ensaio30.htm> >. Acessado em: 20 de agosto de 2014.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. 7º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

VIANNA, Sérgio. **A Política Econômica no Segundo Governo de Vargas**. Rio de Janeiro, Prêmio BNDES, 1987.

VIEIRA, Jaci. **Rio Branco se Enche de História**. Editora da UFRR, 2011.

